

Seção I *Olhares pelas Janelas*



MANIFESTO

Davidson Santos

01

A luta existe nos fatos.
Os fatos existem nos modos de vida.
A vida existe nos sujeitos.

Os sujeitos são a terra. E a terra está à venda.

Se a terra está à venda, a vida não importa.

A luta que se trava é, senão, a luta pela vida.

Dividamos: escola. sujeito. afeto. vida.

terra. universidade. casa. utopia.

Matemática simples. Resultado:

mercadoria.

Escola-mercadoria.

Universidade-mercadoria.

Terra-mercadoria. Casa-mercadoria.

Sujeito-mercadoria. Vida-mercadoria.

O amanhã não existe no mercado. Nem
o ontem e nem o hoje.

O que existe é o clique do agora.

Satisfação.

Nosso tempo anuncia: desempenhos,
desesperos, cansaços, positivities, do
yourself.

Nosso tempo anuncia: depressões,
ansiedades, movimentos contínuos
retilíneos uniformemente não variados.

Eu tenho.

Eu quero.

EU consigo.

EU SOU MINHA PRÓPRIA MERCADORIA.

Sujeitos eus por eu mesmo nas suas
fatídicas liquidez satisfatórias.

Sem passado, sem futuro.

Automaticamente controlados, veem a
vida escorrer.

Escute só: eu quero olhar da janela.

Escute só: o rio que lá fora corre.

Escute só: entre o aqui e agora há outros
tantos que permitiram esse dizer.

Escute só: não é preciso nada mais do que

ouvir o outro. O outro. O outro. O outro. O outro
precisa ser eco em mim. E

o outro está dizendo: terra. alimentação.

terra. emancipação. terra. meios de

produção. terra. saúde e educação.

É preciso abrir janelas nas paredes
brancas da escola.

É preciso abrir janelas na universidade.

A escola. A escola. A escola. Escola. A

universidade. A universidade. Não há

escola sem gente. Não há universidade

sem gente. Não há porquês das

instituições sem um propósito para gente.

E gente tem cor.

E gente tem desejos.

E gente tem fome.

A gente tem fome.

E fome não é de comida, apenas!

A gente é um pouco do outro.

Escute: isso não é um pedido no vazio.

Além dos muros da escola, além dos
muros da universidades. Além...

Há outras formas de ser,

Há outras formas de agir.

E elas estão dizendo.

Escute: escutar requer contemplação.

Contemplação exige parar e enxergar.

Respire e escute: tudo é natureza.

A gente é natureza.

Perceba: o vento não bate em nossas
caras como naquele dia do pôr-do-sol na
praia.

Pare. Respire. Perceba.

Há lá fora um vírus que impede o toque,
o olhar, o cheiro.

E há ainda lá fora um vírus chamado
capital que sempre impediu a vida.

Um vírus-capital-mercado que nunca se

importou com as nossas vidas.
As vidas dos indígenas. A vida dos
quilombolas. A vida dos assentados. As
vidas nunca foram, senão, mercadoria.
Mas houve, sempre houve, o grito.
O grito é um chamado à vida. Porque só
há voz em vida. E esse é o chamado: à
vida.
A gente quer viver.
Katu diz. A gente quer viver.
Rosa diz.
A gente quer viver. Cândido diz.
A gente quer o direito à terra. Rosa diz.
A gente quer o direito à educação à
nossa maneira, com respeito aos nossos
modos de vida. Katu diz.
A gente quer o direito de participar e
decidir. Cândido diz.
A existência não é suficiente para os que
vivem à margem.
A margem é (r)existência.
A gente é rio que corre alimentando o
lado de lá e o lado de cá.
A gente é rio.
E o rio é o que une....